

V SEMINÁRIO DISCENTE PPGS USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – 21 A 23 DE AGOSTO DE 2019

GT 02: CULTURA, ARTE, INTELECTUAIS E PENSAMENTO SOCIAL

O *THE SECRET* BRASILEIRO: APONTAMENTOS SOBRE A IMAGINAÇÃO
EDITORIAL DE UM LIVRO DE FICÇÃO

Autora: Maria Candida Vargas Frederico¹

¹ Doutoranda no PPGCIS PUC Rio. Bolsista CAPES. mariacandida@hotmail.com.

O *THE SECRET* BRASILEIRO: APONTAMENTOS SOBRE A IMAGINAÇÃO EDITORIAL DE UM LIVRO DE FICÇÃO

Autora: Maria Candida Vargas Frederico

Introdução

Este artigo pretende desenvolver uma interpretação sociológica da publicação do livro *Os Dois Prados* de Lucho Apoelo, publicado pela editora Antigo Leblon em 2007, no Rio de Janeiro. Trata-se de um dos capítulos da minha Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, defendida em 2016 no PPCIS UERJ, “Tentativas de formação de um campo literário de pequenas editoras: tramas e casos”. *Os Dois Prados* é um livro de ficção sobre temas esotéricos, conselhos do viver, auto-ajuda e misticismos modernos. O seu dado ficcional atravessa o texto e ganha a sua existência editorial, através da proposta sugestiva dos editores de “inventar” um *The Secret* brasileiro, concomitantemente à sua publicação no Brasil. A editora Antigo Leblon é uma pequena empresa independente familiar fundada por pai e filho, com auto publicação e serviço de edição para amigos. A Antigo Leblon inventa livros como um escritor cria personagens, como no caso de *Lucho Apoelo* e a sua segunda edição envolvida por uma atmosfera de mistério arqueológico e marketing. Os desafios estruturais e simbólicos relacionados à manutenção desta editora na formalidade do setor editorial e as táticas de promoção do seu catálogo são investigadas.

A editora Antigo Leblon foi fundada em 2002 com auto financiamento, sendo classificada como independente pela Câmara Brasileira do Livro² e o Sindicato Nacional dos Editores de Livro³. Foram realizadas duas entrevistas com Érico, escritor fundador da editora Antigo Leblon, o filho, nos dias 13/07/2015 e 21/07/2015 na biblioteca da

² A CBL foi fundada em 1946 em São Paulo. A CBL é uma associação de editores e produtores de livro que é responsável pelo Prêmio Jabuti. www.cbl.org.br.

³ O SNEEL foi fundado em 1940 no Rio de Janeiro. Este sindicato tem como finalidade o estudo e a coordenação das atividades editoriais, bem como a proteção e a representação legal da categoria de editores de livros e publicações culturais em todo o Brasil. www.snel.org.br.

Cátedra de Leitura Unesco na PUC Rio, local onde Érico trabalha como Coordenador de Projetos. Nestas ocasiões pude gravar nossas conversas orientadas por um questionário, conforme a metodologia de pesquisa qualitativa com entrevistas semi estruturadas. A entrevista com Rogério, escritor, sócio na editora e pai de Érico, foi enviada por e-mail e respondida no dia 24/07/2015. Outras informações como fotos, declarações sobre a editora e sobre os livros do seu catálogo foram retiradas do site da editora. A editora Antigo Leblon doa alguns de seus livros para bibliotecas de escolas e de bairro. Por uma ocasionalidade, um exemplar do livro *Estilhaços de Babel*, de autoria de Érico, veio parar na minha casa junto a outros empréstimos vindos da Biblioteca Popular do Rio Comprido, bairro da cidade do Rio de Janeiro onde eu residia. Eu não conhecia o escritor nem as suas obras até este momento. Por volta de duas semanas depois, estive no lançamento do seu último livro de poesia publicado pela Antigo Leblon chamado *Luzes* que ocorreu na Biblioteca da Cátedra na PUC Rio, em 2015. Meu interesse surgiu quando percebi que algumas informações sobre a editora e sobre o autor, escritos na orelha do livro, apresentavam também o caráter das publicações de editoras perfiladas com o campo que eu gostaria de investigar.

A criação da própria editora

Érico é escritor, editor e engenheiro, Mestre e Doutor em Literatura Brasileira, professor na PUC Rio em cursos oferecidos na Faculdade de Comunicação sobre produção editorial e práticas de leitura e na Cátedra Unesco de Leitura, onde é coordenador. Rogério é advogado e escritor. Nenhum dos dois escritores precisa viver de suas penas. Érico já havia publicado o livro *Cenas de Mortes Vulgares*, com a ajuda de um amigo, pela editora Ibis Libris⁴ – associada à LIBRE – antes de fundar a Antigo Leblon. O autor diz que após esta publicação sentiu vontade de montar a sua própria empresa editorial por ter divergido do seu modelo de publicação. Neste tempo, Rogério teria sofrido um “destrambelho das coronárias”, como afirma, que o levou a aposentar-se prematuramente aos cinquenta anos de idade, decidindo dedicar-se integralmente à

⁴ A Editora Ibis Libris é uma pequena editora de poesia, conto e romance, além de relatos autobiográficos, antologias poéticas, peças de teatro e estudos relacionados ao universo da cultura, reunindo mais de 200 autores reconhecidos e estreantes. Está localizada em Copacabana no Rio de Janeiro. libre.org.br/editora/59/ibis-libris.

LIBRE - Liga Brasileira de Editores é uma rede de editoras independentes, fundada em 2002, voltada para atender aos interesses de pequenos e médios editores de livro que procuram saídas alternativas ao modelo de produção literária do mercado editorial tradicional.

literatura. Rogério também estava interessado em ver publicados seus próprios livros. Ambos insatisfeitos com os serviços editoriais oferecidos a eles, pai e filho, resolveram se juntar porque eram um para o outro “a única pessoa que eu confiava e vice-versa para fazer negócio”. A editora Antigo Leblon possuía em 2015 um catálogo com 17 livros publicados, entre eles 9 livros de autoria de Rogério, 5 livros de Érico e 3 livros de amigos dos sócios.

A Gestão de uma pequena editora

Érico e Rogério não se declaram somente escritores ou editores, nem mesmo se declaram editores profissionais, eles apostam na criação da editora como uma alternativa para se auto publicarem, produzindo de acordo com suas próprias regras, escolhendo as obras que compõem seu catálogo, trabalhando com equipes de amigos que flutuam entre um projeto e outro, e sustentando uma liberdade de criação proporcionada pela fundação da editora como um meio facilitador da produção particular. Rogério pensa ser um bom redator, em entrevista afirma que *muita gente boa me considera escritor*, se referindo aos escritores, críticos e jornalistas que já prefaciaram seus livros ou declararam algo a seu respeito em notas de jornal, a exemplo de Antônio Olinto (Poeta e acadêmico) sobre seu livro *O olhar matreiro do serafim*; Carlos Dantas (jornalista e crítico musical) sobre o livro *Paulo Fortes: Um brasileiro na Ópera*, Cora Ronai (cronista e jornalista) sobre o livro *O Antigo Leblon: Uma Aldeia Encantada*, entre outros⁵. Sua rede é capaz, aparentemente, de mobilizar o campo literário independente contemporâneo e os seus pares com prefácios, dedicatórias e notinhas em jornais.

Declarações de Érico e Rogério Barbosa a respeito da função da Antigo Leblon e das suas correspondências profissionais aparecem sempre, nas entrevistas, acompanhadas de discursos afirmativos do caráter independente da editora, mas também entre as concepções de produção literária e gestão que tendem, as vezes, a uma atividade de *hobby* (descompromissada com negócios), e outras, interessada em expandir-se como empresa (como na tentativa da publicação de livros como “Memórias de um Petroleiro” e “Paulo Fortes: Um brasileiro na Ópera”), também demonstram preocupação e zelo com a administração jurídica da editora, afirma Rogério: *cuido da papelada, me entendo com*

⁵ As declarações destas personalidades estão publicadas no site da Antigo Leblon em um link sobre cada um dos sócios da editora. www.antigoleblon.com.br/editora/socios em 2015.

livreiros e órgãos públicos, redijo os contratos, cuido da área fiscal, etc. Estas operações são conduzidas através de uma confusão de papéis que oscila entre afirmar-se e agir como empresa e resguardar-se como produtora facilitadora de interesses subjetivos de produção artística particular. Mas, ainda, demonstrando sua falta de inclinação para os negócios, Rogério afirma: *uma vez o livro feito, quero apenas que leiam e, se possível, que gostem e, melhor ainda, que me digam isso, porém não me interessa em buscar divulgação, não peço nada a ninguém, não corro atrás. Gosto apenas de fazer o livro.* O catálogo da Antigo Leblon é uma clássica reunião de inúmeros livros que não vendem para um ou dois que sustentam os demais. (Denis Diderot, 2002) em *Carta sobre o comercio do livro*, endereçada às autoridades políticas administrativas e empresários do ramo das impressões em Paris, lembra que no mercado livreiro é importante um livro poder cobrir financeiramente o outro: *a venda certa mas lenta de uns, compensada com vantagem pela venda também certa só que mais rápida de outros, favoreça o aumento dos bens iniciais*, sendo assim, com estabilidade de vendas no *best-seller* do seu catálogo, homônimo da editora, o livro *O Antigo Leblon: uma aldeia encantada*, de Rogério, poderia garantir a segurança da aventura ariscada da publicação de *Os Dois Prados*.

A convivência entre pai e filho nos projetos da editora é levantada pelos escritores: de acordo com Rogério Barbosa *a camaradagem, o humor e a afinidade intelectual estão sempre presentes em todo o processo de produção.* Às vezes facilita buscar as soluções que procuramos, às vezes atrapalha, mas que é divertido lá isso é, ressaltando aspectos da sua parceria com Érico, e ainda afirma que *fica fácil encontrar soluções? Na maior parte das vezes, acho que sim. Quando a coisa encenca demais, Érico pula fora e eu sou obrigado a meter a cara e achar um jeitinho, Ele, depois, na moita, vem e melhora o que eu fiz.* O advogado e escritor Rogério aponta que a genialidade do Érico tem um peso mais expressivo nesse casamento, dizendo que *sempre será mais fácil arranjar um substituto para mim.* Afirma que sempre serão uma editora familiar e modesta. Misturando relações de cunho íntimo da convivência que resulta das atividades na editora e das atribuições relacionadas ao parentesco que tem entre si, a gestão de pequenas empresas se dá muito mais orientada pelas concepções subjetivas dos envolvidos do que pelas leis do mercado editorial. Ainda assim, aceitam o desafio da sobrevivência como empreendimento produzindo bens simbólicos que transitam em diversas camadas: a satisfação pessoal em fazer livro e a vontade de ser lido, que resulta na publicação e tentativa de distribuição e vendas das obras.

Os Dois Prados de Lucho Apoelo

Lucho Apoelo seria o suposto autor de *Os Dois Prados*, um Guru Brasileiro que viveu quinze anos da sua juventude no Nepal sob os ensinamentos de um Mago Chamado Mahamud. Nos anos de 1940, este guru volta para o Brasil e inicia uma peregrinação pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro acompanhado por algumas dezenas de seguidores que, nas madrugadas, recebiam as lições advindas do chamado “Mago dos Magos”. Este título foi uma grande aposta de sucesso e vendas para a editora, com o intuito de explorar um gênero literário ainda não existente entre os livros publicados por ela. A sua publicação é exemplar para a compreensão das estratégias que uma editora pode recorrer para ampliar seu catálogo e investir em um nicho de consumo literário que alcança vendas. *Os Dois Prados* possui 125 páginas, custa 19 reais no site da editora, foi impresso em gráfica com miolo pólen bold (90) e capa cartão supremo 250. Na ficha catalográfica é classificado no assunto “Ciências Ocultas”, o lançamento do livro ocorreu em 7 de maio de 2007 no Leblon, em uma passeata de artistas fantasiados de místicos culminando em um sarau na Livraria Letras e Expressões⁶.

Invenção de um Livro

Lucho Apoelo é um anagrama de Paulo Coelho. O livro *Os Dois Prados* é uma invenção editorial sem fundamentação na realidade, um exercício de criatividade de um dos sócios da editora, tratando-se de uma experiência literária do gênio subjetivo do autor impulsionado pelo desejo de compilar uma porção de histórias de misticismo que costumava ler depois de aposentado. Rogério decide costurar as narrativas e adaptá-las a uma atmosfera de mistério que envolveria a descoberta de uma primeira edição perdida em um incêndio entre os sebos da Praça Tiradentes, no centro do Rio de Janeiro, vindo à tona nos dias atuais. O exemplar seria oferecido para reedição em sua editora. No site da editora, as informações, entrevistas, citações e referências sobre sua publicação não revelam dados precisos sobre a existência de Lucho Apoelo, nem tampouco, sobre a veracidade do conteúdo veiculado, que existe como uma grande especulação.

A intenção da editora era lançar informações nebulosas sobre a criação deste livro, não revelando sua invenção, mas também não se comprometendo com nenhuma verdade

⁶ A livraria Letras e Expressões funcionava no Leblon até 2011, nesta livraria ocorria um sarau chamado Corujão da Poesia que acontecia durante a madrugada.

relativa à autoria da publicação, na configuração de uma narrativa limiar entre fato, realidade e invenção, uma literatura ficcional de novos arranjos. Érico, como um dos editores da obra, afirma: *eu dei ênfase na realidade da criação literária sem nunca afirmar se a coisa era verdade ou não*. E conta como foi que surgiu a ideia: *após ter lançado uns cinco livros, o meu pai começou a ler uma coleção antiga da Revista O Cruzeiro*⁷ *e começou também a ler estes livros místicos de autoajuda e leu o Paulo Coelho de curiosidade*. Érico explica que seu pai percebeu que estas histórias “copiavam-se umas às outras” e, em sua opinião, mal. Motivado por um desafio de recontar estas narrativas, ele começou a recriá-las, principalmente das edições de *O Cruzeiro*, agregando a elas fragmentos de uma ou outra, reescrevendo algumas máximas e, de acordo com Érico, *acrescentava algumas coisas adocicadas e outras muito interessantes, algumas tinham parábolas, mas nem sempre uma moral no final*, assim, *Os Dois Prados* foi escrito e assinado, para fins de registro no ISBN, com a assinatura de Rogério, que durante o lançamento do livro os autografava com a justificativa de ser o editor e responsável.

As editoras brasileiras criadas a partir dos anos de 1930, de acordo com (Sérgio Miceli, 2012) em *Intelectuais à Brasileira*, procuraram “esquentar” o mercado editorial recém formado no país, que até então existia basicamente como importadores de livros do estrangeiro, agora, principalmente após o incentivo de figuras como Monteiro Lobato, publicavam aqui livros de autoria nacional e releituras e versões da literatura universal, traduções importantes de obras europeias por intelectuais literatos, mas também adaptações de edições de gêneros como manuais de viver, técnicos e conselhos, e “romances femininos”. A editora Antigo Leblon faz uma aposta que se assemelha a esta segunda linha de publicação com a experiência de *Os Dois Prados*.

Em entrevista para o site *Aguarras*, sobre o lançamento de *Os Dois Prados*, Érico, como editor e proprietário da editora afirma que foram inicialmente sondados por um representante de uma associação que, de acordo com ele, “insiste em permanecer no anonimato”, e atende pela sigla C.L.A (Confraria Lucho Apoelo). Esta entidade teria encontrado todo este acervo em um casarão da Praça Tiradentes que sofreu um incêndio, e que poderia ter sido também o prédio que deu lugar ao clube Estudantina, posteriormente. Diz que foram “seduzidos” imediatamente pela história, pela fartura do material, pelas possibilidades de sucesso e, principalmente, pela qualidade literária. A

⁷ A revista *O Cruzeiro* é uma publicação dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand que circulou entre 1928 e 1975 no Brasil.

CLA nos forneceu cópias digitalizadas do acervo apoelístico: uma biografia, a primeira edição de Os Dois Prados, um diário e alguns documentos esparsos. Nesta entrevista, Érico afirma que a editora Antigo Leblon pretende, para meados de 2008, publicar o diário de um dos discípulos de Lucho Apoelo – entregues à editora pela C.L.A – e que provavelmente em 2009 publicaria também uma biografia do místico.

A ideia de publicar *Os Dois Prados* foi uma ambiciosa combinação entre ironizar os lançamentos deste gênero, publicando uma miscelânea deles, e tentar alavancar o prestígio da editora, por ter sido considerada a escolhida para publicação de um tesouro editorial supostamente recuperado depois de décadas desaparecido. Além de ser, para os sócios da Antigo Leblon, uma brincadeira. Érico diz ter se encontrado na Livraria Argumento com um amigo que possuía conhecimentos nas áreas de negócios, conversaram sobre o interesse que tinham em publicar o manuscrito de seu pai. Érico disse que propôs uma brincadeira: *se a gente chegasse e colocasse essas histórias e inventasse, para os bobos que tem por aí, que eram de um mago, isso ia vender horrores por causa da qualidade literária e porque iam acreditar que tinha sido escrito pelo místico*, então ele bateu na mesa e disse que estava feita a aposta e que tinha uns amigos que dariam um pouco de apoio pra eles verem no que ia dar. A publicação do livro foi financiada por amigos, *marchand*, dos sócios da editora que juntos arrecadaram em torno de 15 mil reais para a edição.

A Antigo Leblon fez um plano de marketing apostando na diversidade, no ecletismo e na variedade de informações que poderiam alcançar dentro de um nicho de consumo literário que vai da autoajuda ao ocultismo. Para eles o texto por si só seria mais um texto, mas um texto que tivesse uma história como essas das garrafas perdidas teria seu potencial distintivo e intrigante. Uma jogada de marketing e uma estratégia de convencimento a partir do imaginário sobre o livro, não apenas sobre o conteúdo do livro. E afirma que quando se coloca baseado em fatos reais você sente aquele arrepio no final do filme, mas também reconhece que é importante ressaltar detalhes que convençam sobre a veracidade desta aventura editorial: *eu vou fazer como os realistas e os românticos, eu vou encher de detalhes porque o realismo mora nos detalhes e estes detalhes vão ser de todas as camadas possíveis e imaginárias, ensaística, artística, biográfica e também na história do próprio livro*, afirmando que a aventura da descoberta do livro talvez seja mais importante que o próprio livro. O que para Flaubert, interpretado por (Pierre Bourdieu, 1996) em *As Regras da Arte*, seria “escrever bem o medíocre”, numa autocrítica sobre Madame Bovary e o Realismo: “conciliar os contrários”.

O caso de *Os Dois Prados*, na sua camada ficcional, na sua possibilidade de existência, aparecimento e desaparecimento, ainda que como personagem em objeto, faz lembrar a obra de (Giorgio van Straten, 2016) *Histórias de Livros Perdidos*, dedicado a refazer as memórias de livros cuja existência material se foi. O autor remonta os últimos momentos de manuscritos destruídos, alguns casos pelos próprios autores, censurados ou proibidos no seu tempo, ou por diversas circunstâncias nunca publicados. Entre eles, os papéis importantes contidos na mala de Walter Benjamin, protegida por ele até a ocasião da sua morte e desaparecida com tudo que havia dentro; o caso das *Memórias* de Lord Byron, destruídas por um consenso entre sua viúva e editores; o caso de extrema auto crítica de Nikolai Gógol, ao queimar o primeiro manuscrito de *Almas Mortas*; ou do caso da mala de Ernest Hemingway que teria sido roubada na estação de trem com manuscritos que dariam origem a uma obra maior e mais completa do conto *O Meu Velho*. Straten deixa um questionamento: *Pode-se pensar que hoje é mais complicado perder um livro, que os inúmeros suportes nos quais podemos salvá-lo excluem os riscos de que algo seja destruído para sempre. No entanto, parece-me que justamente a imaterialidade em certos casos é tão frágil quanto o papel antigo. E ainda: devemos confiar quando um escritor afirma que algo dele desapareceu, que um romance ou alguns contos, terminados ou quase, foram perdidos de forma muitas vezes rocambolescas e foi necessário redigi-los novamente?* Mas o real também não é contraditório? Descontínuo, arranjos de razão e sensação? Imprevistos e trajetórias aleatórias? A narrativa de *Os Dois Prados* é um exercício literário de ficção, assim como outros textos literários também o são, mesmo surgindo de vias transversais da ideia de autoria individual ou de veracidade narrativa. A linguagem como representação é capaz de criar os fatos.

O estabelecimento da literatura como um campo autônomo, independente dos discursos científicos nascentes, orientado por outras ordens. (Pierre Bourdieu, 2008) em *A Ilusão Biográfica*, questiona as narrativas de vida e uma possível anti história na literatura: *é significativo que o abandono da estrutura do romance como relato linear tenha coincidido com o questionamento da visão como existência dotada de sentido, no duplo sentido de significação e de direção.* Inúmeros autores são reunidos ou recolhidos numa obra, a função-autor está fundamentalmente separada da realidade fenomenológica, aponta (Roger Chartier, 2012) em *Autoria e história da ciência*, se remetendo a ideia de autoria defendida por Foucault, afirma que a unidade da autoria serve como um princípio para garantir a coerência do discurso, tratando-se de uma manipulação semelhante à das

leis. Para (Foucault, 2013. 278) em *O que é o autor?*, sua comunicação clássica sobre autoria e discurso, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso: *para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer “isto foi escrito por tal pessoa”, ou, “tal pessoa é o autor disso”, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana.* Quando Rogério faz o lançamento de *Os Dois Prados* e autografa os livros em lugar de Lucho Apoelo, ainda que com o álibi da tarefa de edição, ele assume a sua autoria. A confusão da autoria neste caso está na própria criação do autor por outro autor, uma metalinguagem autoral entre Rogério, Paulo Coelho, textos da Revista Cruzeiro, *The Secret* e Lucho Apoelo. Uma polifonia que senta numa mesa, faz dedicatória e autografa o livro.

Pelo sim ou pelo não da narrativa existencial de *Os Dois Prados*, seria indispensável agregar a este livro uma série de símbolos e mensagens místicas que expressassem a possibilidade de desvendar o passado e prever o futuro dos leitores num jogo acoplado ao livro, com regras e orientações disponíveis no site oficial: *essa é uma camada que está aqui só para dar uma dimensão mística efetiva ao que na verdade são ensinamentos literários.* É curioso perceber que nenhum dos símbolos apresentados, a *Lúdica Apoelística*, – a árvore, o baú, as moedas, o símbolo do Lucho Apoelo – foram citados no livro, mas de acordo com Érico, eles não souberam da existência de ninguém que tenha se preocupado em procurá-los no texto, aparecendo somente no site como algo extra ao livro.

Figura 1 – Símbolos da *Lúdica Apoelística*.



Fonte: www.antigoleblon.com.br em 2016.

Em nota do editor, Rogério destaca que a sua primeira editora era especializada em livros científicos, na tentativa de associá-lo a um campo de ensinamentos e influência confiáveis. O trecho diz o seguinte: *seus ensinamentos foram cuidadosamente transcritos por um de seus acólitos, responsável por um documento que se tornou o único e confiável evangelho da doutrina disseminada. Publicadas por um editor de livros científicos, em tiragem de 119 exemplares.* A invenção do número desta tiragem também é proposital, afinal, as tiragens costumam ter números redondos, no entanto, a escolha pelo número 119 também diz respeito àqueles muitos detalhes sugestivos que Rogério pretendia empregar ao texto. A nota do editor segue dizendo que *a especificação numerológica permanece no aguardo de uma interpretação alegórica.* Também buscava revelar um mistério sobre a primeira edição encontrada após 76 anos pela C.L.A: *pelo cuidado com a conservação e os apetrechos utilizados, seria patente o auto poder aquisitivo do guardião da relíquia, indício expressivo do perfil dos integrantes do segmento social que buscava a orientação do ‘Governador de Almas’*”. Esta informação inventada – como todo o conjunto que forma o livro e sua ideia editorial – demonstra a escolha do público alvo que esta publicação pretendia alcançar (pessoas que se reconhecessem pertencentes a este segmento social proposto que poderia conservar a relíquia, outra sugestão de distinção que o texto propõe), fato que seu lançamento tenha ocorrido na Zona Sul do Rio de Janeiro, em uma livraria no Leblon, um lugar que funcionaria como uma instâncias de consagração e *status*.

Somando-se ao propósito desta citação, a nota do editor diz que: *o livro arrola os nomes dos frequentadores mais íntimos do círculo holístico-hermenêutico, gente ‘graúda’ da política e das artes, (...) personalidades nos meios cultural e administrativo do país.* No prefácio, sobre o sucesso da primeira edição: *foi possível constatar que as unidades distribuídas desapareceram das estantes dos livreiros em um mês, apenas, depois de consignadas,* outra sugestão sobre as possibilidades de um novo sucesso de vendas com a segunda edição. Por fim, o prefácio do livro justifica a publicação desta segunda edição pela editora Antigo Leblon, afirmando que *o que nos anima aqui, todavia, é repartir também com o leitor a herança impar do insigne educador: a matéria pura tal qual veio ao mundo e nos foi legada em linguagem, intenção e escrita,* – supostamente, a intenção de prestarem um serviço essencial à sociedade, que precisaria ter acesso ao conteúdo deste livro.

A reedição do único livro da lavra do ‘Mago dos Magos’ – o primeiro da cronologia dos esotéricos brasileiros (em profundidade de ensinamentos e precedência na metodologia de divulgação dos preceitos) – consolida e ratifica um marco fundamental na corografia mística hodierna. A arqueologia de nosso saber holístico há muito se ressentia de um balizamento histórico, e o resgate do lendário Os Dois Prados, a par de suprir essa carência, vem saciar a avidez de uma devota e inumerável família com o portal revelador da genuína luz que, à falta dessa referência plena e próxima, poderia ser confundida com uma furtiva réstia perdida na torrente do fabulário, ao risco mesmo de ser tomada como remota e irrelevante elucubração mística. Podemos dizer, sem parecer exagero, que trazemos a colação não a notação ambígua de um artefato meramente ilustrativo, porém a majestade solene de uma Atlântida que emerge sinalizadora e dominante, com inquestionáveis resplandecência e verdade. (Os Dois Prados. Nota do editor).

Na ficha catalográfica Lucho Apoelo teria nascido em 1903 e falecido em 1945, ano de sua suposta última aparição, de acordo com as notas do editor: *Sua última aparição para os seletos seguidores deu-se em 1945, coincidindo com o final da segunda guerra e o desaparecimento, também misterioso e em terras europeias devastadas, daquele que pode ser considerado seu antípoda espiritual, o infame genocida austríaco.* O livro Os Dois Prados está na sua primeira edição, oficialmente registrado no ISBN, no entanto, na ficha catalográfica aparece como 2ª edição, dando a tônica da existência da sua primeira perdida. Esta obra de ficção atravessa as camadas literárias de criação e se comunica com as exigências técnicas da produção editorial? Aparentemente sim. Outro dado sugestivo presente nas Notas do Editor cita a Typografia Manuel Pereira & Filho, onde foram impressos os *parcos exemplarem da única edição*, complementando: *a bem da verdade, localizá-la é tarefa tão insólita e estéril quanto determinar o semovente chão dos encontros dos discípulos com o venerável guru.* Alguns títulos do sumário: Lições sobre erros e inimigos; Inveja; O calvário de cada um; Ingratidão; Sábios e simples; Intuição feminina; O brasão macabro; A ponte dos desejos; Chuva de estrelas; Xeque-mate, Opoterapia na Abissínia; O poder da fé; entre outros, dispostos em no máximo cinco páginas, alguns com apenas uma página, assim como o *Maktub* de Paulo Coelho.

Lançamento e sugestão

Lucho Apoelo peregrinava pelas ruas da cidade e, quando do lançamento da segunda edição de seu livro, foi homenageado precisamente com uma caminhada de pretensos seguidores de sua doutrina pelas ruas do Leblon. Os editores gostariam que a publicação de *Os Dois Prados* ganhasse as ruas por se tratar de uma grande festa dedicada ao descobrimento dos textos sagrados que viriam à tona nos dias atuais. Algo que se remetesse ao interesse público. A cidade precisaria saber, deveria ser um evento, um fato, então decidiram fazer uma passeata para criar um fato. Motivada pela brincadeira editorial e pela possível chance de emplacar vendas, a editora Antigo Leblon em parceria com o *Retiro dos Artistas*⁸ – por intermédio de contatos dos editores (não mencionados nas entrevistas) –, realizaram um mega lançamento para a segunda edição do livro. No dia 07 de maio de 2007, uma passeata de 30 artistas do Retiro caracterizados de monges, padres, islâmicos, wiccas, umbandistas, ciganas etc., percorre toda a Avenida Ataulfo de Paiva, seguindo as 17:30h da esquina da rua Afrânio de Mello Franco até o canal da Visconde de Albuquerque, para às 19:30h, concentrar-se em frente à Livraria Letras e Expressões em um ato dramático de consagração múltipla de crenças em comunhão pela descoberta do místico Lucho Apoelo, um irmão de fé. Somavam-se aos atores, aproximadamente 25 poetas convidados para o sarau que ocorreria na Livraria. Escritores das relações sociais dos editores, seus pares mais bem posicionados no campo dos poetas do Corujão da Poesia, sarau de prestígio na Zona Sul da cidade, legitimando nos seus encontros os lançamentos de livros de autores novatos.

Lançar *Os Dois Prados* em uma passeata e sarau significava um diferencial na estratégia promocional da editora, em comparação com os lançamentos tradicionais com buffet e mesa de autógrafos, até então promovidos para seus títulos. A aposta dos editores em fazer o “primeiro sarau de poesia mística do Leblon” foi, de acordo com Érico, *um belo exercício de coordenação, pois foram duas horas de ‘peregrinação’ com uma equipe (entre artistas, distribuidores de panfletos, fotógrafos, câmeras de filmagem e assessores) de quase cinquenta pessoas. E isso era só a primeira etapa da noite.* Além disso, o editor lembra que foram ensaiados com os artistas os textos de *Os Dois Prados* na oficina de teatro do Retiro dos Artistas, como uma preparação para o lançamento espetáculo, foram

⁸ Retiro dos Artistas é uma instituição acolhedora de artistas idosos de todas as artes. Está localizado em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, em parceria com a Emissora televisiva Rede Globo.

compiladas 70 falas distribuídas entre os atores que as incorporavam e as adaptavam às performances de cada um. A editora Antigo Leblon havia pensado, como estratégia editorial de lançamento, convidar cinco atores, mas foram surpreendidos com a adesão voluntária de toda a companhia da oficina de teatro do Retiro dos Artistas, o que acabou virando uma atuação desafiadora, afirma.

Figura 2 – Atores do Retiro dos Artistas no lançamento do livro *Os Dois Prados*.



Fonte: www.antigoleblon.com.br em 2016.

Entre os que foram para prestigiar o lançamento ou que estavam na livraria na ocasião, sem ter nada combinado, durante o sarau de poesia mística na Livraria Letras e Expressões, algumas pessoas demonstravam acreditar na existência de Lucho Apoelo. Um poeta idoso afirmou tê-lo conhecido e outro jurou que seu pai lhe falava e recitava versos do guru quando ele era criança. Assim, a sugestão produzida pela teatralização, com os detalhes sobre a vida e a obra de Lucho Apoelo, estava surtindo efeito em meio ao turbilhão de atividades do lançamento. As pessoas presentes geravam espontaneamente uma mitologia, deslocando da editora a responsabilidade total sobre a sua crença demonstrada diante da encenação do lançamento, conta Érico. Um fato e uma realidade se forjavam através de um sistema simbólico de representação: uma aula de marketing. Para (Peter L. Berger, 2012. 42) em *A Construção Social da Realidade*, o teatro fornece uma excelente ilustração da atividade lúdica, a descida e a subida da cortina

do palco suspendem a realidade cotidiana: *Quando o pano se levanta, o espectador é “transportado para um outro mundo”, com seus próprios significados e uma ordem que pode ter relação, ou não, com a ordem da vida cotidiana.* Então, durante o *Variété* no salão burguês da Letras e Expressões, no Leblon, alguns desavisados e outros capturados puderam experimentar a magia da ficção.

A lição

As lições e a “moral da história” são lugares comuns na literatura de esoterismo e autoajuda através de ensinamentos oriundos da busca interior ou metafísica e dos desafios da realização de um desejo etc., mas a editora Antigo Leblon ao inventar *Os Dois Prados* também teve a sua lição. O fato é que a editora Antigo Leblon publicou um livro com financiamento de apoiadores, mecenas, no valor de 15 mil reais e vendeu 17 unidades (no valor de 19 reais) no dia do seu “mega” lançamento. Érico ainda possui caixas da tiragem de 300 exemplares de *Os Dois Prados* fechadas em casa. Mas o que deu errado? A experiência ficcional valeu a performance? Por que a “segunda edição” não foi um sucesso editorial? (Bourdieu, 1996. 105) afirma, a respeito do campo literário burguês: *estamos com efeito num mundo econômico de pernas para o ar: o artista só pode triunfar no terreno simbólico perdendo no terreno econômico (pelo menos a curto prazo), e inversamente (pelo menos a longo prazo).*

A editora encomendou anúncios em ônibus (*busdoor*); divulgou com panfletos nas ruas do Leblon e Gávea dias antes do evento; filmou as atividades do lançamento e disponibilizou no *youtube*; convidou 30 atores e 25 poetas para o lançamento; desenvolveu um produto integrado ao livro, o jogo de símbolos místicos; criou um site próprio para a publicação; contratou dois *ghost-writers* para criarem depoimentos no site sobre o autor. No entanto, a conclusão desta empreitada editorial foi que o dinheiro acabou e depois não puderam dar continuidade ao projeto, que desapareceu da mesma maneira que surgiu, como Lucho Apoelo na década de 1940: *o projeto foi um estardalhaço fantástico e imenso, uma festança, e da mesma forma como chegou, sumiu.* Para a editora, alguns grandes entraves conjunturais dificultaram o seu sucesso. Em primeiro lugar, a simultaneidade do lançamento com o *The Secret*, da australiana Rhonda Byrne: *era curiosíssimo ver na Livraria Letras e Expressões, uma pilha do The Secret de um lado e uma pilha de livros Lucho Apoelo do outro*”, mas afirma que a pilha do *Segredo* só diminuía, enquanto a pilha de *Os Dois Prados* continuava intacta. Esta pilha

que vendia estava em todas as livrarias do Brasil e a pilha de Lucho Apoelo só estava na Letras e Expressões. Em segundo lugar, a publicação de *O Segredo* no Brasil tinha sido um investimento de um milhão de dólares das editoras espanholas (grupo da Editora Ediouro). Enfim, Érico conclui: *a pilha do meu livro tinha sido um investimento de quinze mil reais, de um bando de malucos empresários que estavam a fim de se divertir com aquilo, inclusive foram a festa e se divertiram horrores vendo aquela papagaiada toda*, assumindo os limites da competição de vendas entre editoras de grande e pequeno portes, ainda que para Bourdieu, o não-sucesso é ambíguo, podendo ser escolhido ou sofrido, dependendo dos índices de reconhecimento.

O Segredo foi lançado no Brasil em maio de 2007 e ao mesmo tempo que a Ediouro publicava o livro era possível assistir ao filme distribuído nas salas de cinema estilo *blockbuster* em todo o país. Rhonda Byrne aborda as “leis da atração” através da máxima auto motivacional “se você quiser, o Universo conspira a favor”. A autora afirma ter interpretado a trajetória de personalidades da história ocidental como Napoleão, Beethoven, Einstein e Da Vinci, destacando a sua sabedoria de usar as leis da atração, se beneficiando e conquistando seus objetivos. No dia 30 de março de 2017, na sessão “Ilustrada”, da Folha de São Paulo, o livro já havia vendido 6 milhões de cópias desde o seu lançamento em novembro de 2006, nos Estados Unidos e o DVD mais de 2 milhões. *O Segredo* chega ao Brasil já como um *best-seller*, traduzido por um conglomerado editorial de sucesso através da compra dos seus direitos de tradução em um leilão internacional. Além do Brasil, mais de 20 países também compraram os seus direitos. A edição brasileira tem 199 páginas e capa dura, como a americana, tendo tiragem inicial de 100 mil exemplares, vendido por 39,90, na época. *O segredo* foi o livro mais vendido do Brasil em 2007, estando em 1º lugar nas listas das livrarias mais populares do país, de acordo com dados do setor editorial e livreiro, CBL, SNEL.

A Antigo Leblon diz ter errado quando não apostou em assessoria de imprensa, pelos poucos recursos que tinha, também por isso não apostou na maior circulação do livro, como uma estratégia de consignação em outras livrarias. *Os Dois Prados* foi distribuído para venda apenas na livraria Letras e Expressões e no site da editora. Nenhuma comparação editorial possível poderia aproximar os dois livros, *The Secret* e *Os Dois Prados*, visto a sua estrutura publicitária, editorial e produtiva atravessando caminhos infinitamente díspares, no entanto, a editora Antigo Leblon, assim como outras tantas no mundo, também tentou “pegar carona” no seu sucesso. O imaginário cultural do lançamento do *The Secret* possibilitava outros empreendimentos, seria uma aposta. E eles

apostaram em uma reação espontânea, uma “viral”⁹, acharam que a concentração de todos os esforços em um só lugar (o Leblon) formaria uma rede que se alastraria pela cidade como “uma lente de aumento para matar formiga”, diz Érico, e ainda: *contamos que as pessoas que fossem ao lançamento seriam as responsáveis pela disseminação da informação sobre o livro*. Não levou em consideração que nesta época de espetáculos, tudo é visto e tomado como performance em um dia, no outro, como afirma Érico, *as pessoas esquecem e buscam outra coisa para fazer*. Editoras de grande porte com recursos de promoção em massa promovem o lançamento de seus livros com meses de antecedência, com propaganda que orienta as vendas porque cria um perfil de consumidores para aquele produto, como foi também o caso das sagas de vampiro e de zumbis, recentemente.

A continuidade dos eventos de promoção de *Os dois Prados* resultaria na necessidade de mais investimentos, mas os recursos efetivamente disponíveis, no entanto, haviam sido gastos até o lançamento do livro. Os editores afirmam também que seria essencial ter saído alguma menção na imprensa: *tinha que ter saído uma notinha no segundo caderno, aí poderia ter sido diferente*. Afirmam que o erro de marketing foi muito grande, e conclui dizendo ao mesmo tempo que também não teriam paciência de sair enrolando as pessoas dizendo que *Lucho Apoelo* realmente existiu, caso a coisa crescesse. Sua estratégia, caso isto acontecesse, seria deixar a repercussão desta invenção crescer espontaneamente e, posteriormente, desmascarar esta “brincadeira”, ressaltando não querer bancar o picareta: *uma coisa seria se divertir com a publicação e o lançamento do livro, e outra seria levar a brincadeira longe demais*. Durante o lançamento, Érico e a produção do evento já percebiam, enquanto andavam e brincavam, que depois de verem a passeata cruzar a esquina “as pessoas corriam pra casa para assistir o jornal”, decepcionado, contou que no sarau nenhum dos 25 poetas comprou o livro. Era o momento em que a cortina do teatro de Peter Berger descia e o espectador retornava à realidade: *isto é, à realidade predominante da vida cotidiana, em comparação com a qual a realidade apresentada no palco aparece agora tênue e efêmera, por mais vívida que tenha sido a representação alguns poucos momentos antes*.

⁹ Vale salientar que em 2007 a influência das redes sociais da internet ainda não operava no Brasil com a dimensão atual, a exemplo do Facebook, em 2019. O Orkut era uma rede social popular, listas de e-mail eram ferramentas de publicidade e divulgação e a panfletagem nas ruas funcionava no contato pessoal direto. Érico usa a expressão “viral” na entrevista feita em 2015, provavelmente se remetendo a experiências posteriores ao lançamento, da disseminação de informação ainda não disponível em 2007.

Conclusões

A publicação de *Os Dois Prados* pela editora Antigo Leblon foi um experimento ficcional que ultrapassou os limites da criação literária, se inscreveu na vida social para além do texto, teatralizou numa esfera de dimensões extra editoriais, performando ao sugerir realidades paralelas aos fatos comensuráveis. Se desenvolveu através da vontade criativa de um autor multiplicado, ao mesmo tempo que recolhia para si uma polifonia. A autoria entra em jogo, a ilusão biográfica, o lançamento do livro como episódio. História, convenção, retórica, fato e realidade. O anagrama encarna o nome próprio da ilusão biográfica. Coerência e compromisso com manifestações simbólicas de um campo de artistas que se faz e desfaz. Posições e arranjos de prestígio, mecenas, marchand, variétés e salões, sarau e culto ecumênico, passeata, best-seller e fracasso se acomodam no mercado de bens simbólicos. Diferenciação, investimentos arriscados. O sucesso imediato tem qualquer coisa de suspeito, lembra Bourdieu.

A falta de pesquisa do setor antes de publicar uma obra, ou a deficiência de publicidade e estratégias de marketing são entraves para que uma editora de pequeno porte com baixo orçamento consiga disputar um nicho do mercado. Depois de 8 anos da publicação do livro (2015 na época da entrevista), a Antigo Leblon o mantém no catálogo da editora, disponível no seu site ainda mantido no ar. Uma parte da tiragem foi doada para bibliotecas de escolas e de bairros e outra é presenteada pelos sócios aos amigos. Érico finaliza sua entrevista dizendo que o grande legado da publicação de *Lucho Apoelo* foi o aprendizado a respeito das divisões de tarefas necessárias para a execução de projetos, e também para trabalhar as camadas de ficcionalidade da teoria literária nas suas aulas ministradas na PUC Rio pela Cátedra Unesco de Leitura, Érico aborda temas como a ilusão do biográfico, o funcionamento do sistema literário e a criação do autor, não apenas nas entrelinhas, mas nas “extralinhas”, principalmente.

Referências

- APOELO, Lucho. *Os Dois Prados*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Antigo Leblon, 2006.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre. As Regras da Arte. 1.ed. Lisboa: Editora Presença, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CHARTIER, Roger. Autoria e história cultural da ciência. 1. ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2012.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

DIDEROT, Denis. Carta sobre o Comércio do Livro. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2002.

FOUCAULT, Michel. O que é o autor? In: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Ditos e Escritos III. Rio de Janeiro: GEN / Forense Universitária, 2013.

VAN STRATEN, Giorgio. Histórias de livros perdidos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MICELI, Sergio. Intelectuais a brasileira. 1. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2001.

SINDER, Valter. Configurações da narrativa: verdade, literatura e etnografia. Vervuert: Iberoamericana, 2002.